

Discurso de Posse

Francisco Carvalho

Senhores Acadêmicos:

Entro nesta Casa centenária por vontade expressa da maioria de seus membros e trazido pelas mãos desse imbatível idealista que é o professor Antônio Martins Filho, um dos membros mais respeitáveis desta Academia. Durante algum tempo, ele usou de sua proverbial habilidade e de seu poder de persuasão para convencer-me de que as portas desta Casa seriam abertas para mim, no momento em que eu o desejasse. Minhas recusas sistemáticas a tão honroso convite sempre tiveram como justificativa, além de arraigada convicção de meus limitados merecimentos, certa incapacidade emocional de relacionar-me com pessoas alheias à minha esfera de convivência.

Sempre tive profundo respeito pelas Academias e pelo que elas representam como fator de equilíbrio entre as tradições do passado e os valores culturais do presente. No caso específico da nossa benemérita ACL, aqui se encontram ficcionistas, poetas, historiadores, médicos, ensaístas, pesquisadores, jornalistas, sociólogos, lingüistas e professores universitários, formando uma espécie de corpo de guarda em defesa da Cultura e da Arte.

No momento em que chego a esta Casa, sinto-me visitado pela emoção de compartilhar de vossa convivência fraternal. Descendente de modestos agricultores do Vale do Jaguaribe, onde passei parte da infância ouvindo o som das violas de cantadores e repentistas que, por aquele tempo, perambulavam nos sertões nordestinos, ainda me sinto agora uma pessoa muito mais ligada ao magnetismo do campo do que à enganadora fulguração dos mitos urbanos. Às minhas origens rurais tenho ido buscar, até hoje, as imagens e metáforas mais expressivas da minha singela escritura poética.

Aos quinze anos, escrevi um folheto de cordel sobre a seca no Ceará, publicado numa tipografia de Russas. Felizmente ou infelizmente, essa primeira manifestação de poeta bisonho perdeu-se no espaço e no tempo. Em 1946, aos dezenove anos, transferei-me definitivamente para Fortaleza, onde publiquei os meus primeiros poemas por volta de 1950. Paguei pesado tributo à imaturidade. Não escapei à tentação dos desastrados sonetos de juventude, que ainda me fazem corar de vergonha quando eventualmente os encontro em algum lugar do passado.

Espectador arredio, acompanhei, a distância, o trabalho infatigável da colmeia do Grupo Clã, surgido na década de 40 e constituído de gente empreendedora e talentosa, cuja operosidade mudaria radicalmente o panorama da nossa vida literária daquela época. Logo depois começava a minha trajetória vacilante pelos labirintos da poesia moderna, pelas encruzilhadas traiçoeiras do verso sem metro e sem rima. Foi-me custoso assimilar certas liberdades e certas provocações contidas na proposta inovadora dos artifices da chamada Semana de Arte Moderna. À falta de embasamento teórico, não fui capaz de vislumbrar nem de compreender o sentido, a natureza, a essência e o alcance das mudanças estéticas que estavam na raiz do novo projeto literário.

Minha primeira experiência modernista surgiu em 1955, com a publicação de um conjunto de poemas intitulado “Cristal da Memória”. Sem embargo do prefácio generoso do poeta Artur Eduardo Benevides, ilustre Presidente desta Casa, a minha primeira tentativa de poesia modernista constituiu-se num retumbante fracasso. A razão crucial dessa aventura malograda veio do fato de que, embora eu tivesse renunciado à prática do verso tradicional, o meu discurso poético continuava a cortejar certa visão burguesa do mundo e da vida, gerando um descompasso entre fundo e forma, entre cosmovisão e mensagem, entre significado e significante.

Vários outros poetas cometeram esses mesmos equívocos. Desarticularam, com furor iconoclasta, a estrutura do poema, baniram o metro e a rima de suas cogitações, mas continuaram a

praticar a mesma linguagem dos tempos em que escreviam poesia à moda antiga: uma linguagem e um discurso que não correspondiam às aspirações nem às tensões dialéticas da sociedade em transformação. O próprio Manuel Bandeira, que aderiu à enxurrada modernista da primeira hora, confessaria mais tarde as dificuldades que teve de enfrentar para compreender e assimilar a índole do verso moderno.

Compreendi razoavelmente cedo que em se tratando de literatura ninguém pode desvincular-se inteiramente do passado. Todo escritor, em certo sentido e em certa medida, não passa de um afluyente dessa caudal civilizatória que acompanha a trajetória da humanidade através dos séculos. Os grandes autores da antiguidade clássica e do Renascimento (Homero, Virgílio, Dante, Petrarca, Camões, Tasso) continuam a nos legar as matrizes e conteúdos humanísticos indispensáveis à construção dos alicerces da modernidade.

Meu fascínio pela literatura abriu-me as portas para o conhecimento de um universo onde freqüentemente o símbolo e a metáfora assumem configurações de realidade. Em minhas constantes viagens ao redor do mundo dos livros, aprendi que a realidade das ficções pode ser tão poderosa e fascinante quanto a realidade do cotidiano. E foram justamente essas viagens pelos domínios da criação literária que me levaram à descoberta de um dos mais completos e inquietantes poetas da modernidade: o português Fernando Pessoa. Sua poesia desconcertante, desmistificadora e pluralista (a ortônima e a heterônima) me ensinou a ver o mundo de forma diferente.

Meu ingresso na Universidade Federal do Ceará, ocorrido em 1964, ofereceu-me novas perspectivas e possibilidades. Por dever de justiça, devo ressaltar que os meus livros, na sua maioria, foram publicados sob a chancela da Imprensa Universitária da UFC e do Programa Editorial da Casa de José de Alencar, sendo este último coordenado pelo eminente Professor Antônio Martins Filho. Esses livros testemunham a longa e sinuosa evolução da minha modesta carreira literária, pontilhada de altos e baixos, de

equívocos e vacilações, de alguns desencantos e arrependimentos. Um dos meus livros de poemas conquistou, em 1982, um prêmio de âmbito nacional, mas isso não fez com que eu me tomasse menos obscuro ou mais conhecido fora dos muros tribais.

Não alimento ilusões quanto à permanência da poesia na memória coletiva. Forçoso reconhecer que, neste conturbado final de século, o homem está mais preocupado com as proteínas necessárias à sua sobrevivência do que com a literatura, transformada em artigo de luxo, uma vez que somente uma elite reduzida desfruta o privilégio da convivência dos livros. Pela visão peculiar que têm dos homens e das coisas, os poetas continuam a ser vistos como figuras controvertidas e polêmicas. O já citado Fernando Pessoa, no poema intitulado "Autopsicografia", justamente famoso pelo que sugere em termos de ambigüidade e dissimulação, faz um retrato de si mesmo nestes versos de feitiço cabalístico:

"O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente".

O poeta está plantado no coração selvagem do mundo, mas a sua trajetória interior se desenvolve e se verticaliza ao contacto dos meridianos do silêncio. Toda grande poesia tem alguma relação dialética com o silêncio. O homem pode até conviver com o ruído feroz das sociedades tecnológicas. Mas terá necessariamente de recolher-se ao silêncio para se reencontrar consigo mesmo, com a sua natureza mais profunda, com a sua interioridade. Todas as preocupações e expectativas do homem moderno como que estão voltadas para as maravilhosas científicas do progresso e da tecnologia. É como se estivéssemos à espera de que a tecnologia nos trouxesse de volta o "paraíso perdido". Mas a volta do "paraíso perdido" está ficando cada vez mais distante dos sonhos e das utopias do homem, que certamente não é o único responsável pelo malogro da poesia na sociedade contemporânea.

Senhores Acadêmicos:

A partir deste momento, passo a ocupar a Cadeira nº 31, de que é patrono o filósofo e jurista Dr. Raimundo de Farias Brito, natural de São Benedito, no Estado do Ceará, onde nasceu no dia 24 de julho de 1862. Cearense dos mais insignes pelo talento e pela amplitude de sua formação jurídica e filosófica, reconheço, humildemente, que a glória incontestável do patrono desta Cadeira ofusca as minhas escassas virtudes de poeta assumidamente menor.

O Barão de Studart, notável pelo saber e pelo rigor de suas pesquisas no campo da História, dá o seu testemunho sobre Farias Brito nas páginas 64 a 67 do seu DICIONÁRIO BIO-BIBLIOGRÁFICO CEARENSE, edição publicada em 1915 pela Tipografia Minerva, desta Capital. Com a sua reconhecida competência, faz uma síntese da vida, da obra e dos principais acontecimentos que marcaram a trajetória intelectual do autor de "Finalidade do Mundo", cuja existência caracterizou-se pelo nomadismo peculiar ao povo de nossa terra. Depois de longo peregrinar, pontilhado de sucessos e alguns insucessos, o ilustre filho da Ibiapaba acabaria por se transformar num dos vultos mais proeminentes do pensamento nacional.

Promotor Público, duas vezes Secretário de Governo, professor de Grego e de História no Liceu de Fortaleza, lente de Lógica e de Filosofia da Faculdade Livre de Direito de Belém do Pará, membro do corpo docente do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, Farias Brito deixou vasta produção nos domínios da Filosofia, além de um livro de poemas intitulado "Cantos Modernos".

Essas breves informações dão uma pálida noção da riqueza e da qualidade do "curriculum vitae" do ilustre patrono da Cadeira nº 31, para a qual venho de ser eleito pela manifestação consagradora dos membros desta Casa. À semelhança de um meteoro, que deixa atrás de si um rastro de luz e de esplendor, a fulgurante carreira de Farias Brito, no campo das idéias filosóficas, iluminou os aclives e declives de sua breve existência de 55 anos.

Não menos ilustre é o meu antecessor na Cadeira nº 31, o acadêmico e professor universitário Cláudio Martins, nascido na cidade de Barbalha, no dia 10 de maio de 1910, sendo filho legítimo de Antônio Martins de Jesus e de Dona Antônia Leite Martins.

O alentado “curriculum vitae” do acadêmico Cláudio Martins, cuja memória reverencio neste momento, revela, antes de mais nada, que se trata de um homem vitorioso em todos os empreendimentos e iniciativas de sua vida. Não cabe aqui enumerar todos os itens da opulentíssima nomenclatura das credenciais de Cláudio Martins, conquistadas, ao longo da vida, à custa de trabalho, de talento, de estudo, de operosidade e determinação.

Homem de muitos amigos, de muita verve e de agradável convivência, presença obrigatória em todos os acontecimentos importantes da nossa vida social e cultural, sócio benemérito de várias instituições acadêmicas do País, detentor de numerosos títulos honoríficos e de Medalhas de Mérito, inclusive a Medalha do Mérito Notarial, Cláudio Martins é dono de vasta bibliografia no campo das Finanças e do Direito Tributário, constituída de obras de reconhecido mérito.

Mas o especialista em Finanças e Direito Tributário também escreveu poemas e também sonhou com uma sociedade mais humana e mais justa, mais consciente de suas liberdades e de seus direitos. Os livros de poemas que publicou ao longo da vida, aplaudidos por aqueles que lhe conheciam mais de perto os inarredáveis imperativos do seu temperamento poético, conferem especial relevo aos seus ideais de amor, de justiça e de fraternidade entre os homens.

A produção poética de Cláudio Martins, segundo pensamos, não induz a imaginar que ela seria uma forma de escapismo, um simples mecanismo de fuga da aridez das atividades profissionais do Notário Público ou do professor de Economia. O conteúdo e o desempenho formal de seus poemas evidenciam o cunho vocacional de suas inclinações literárias.

O centro nervoso da poesia de Cláudio Martins está localizado em tomo das preocupações e dos acontecimentos da vida

cotidiana, das aflições existenciais e metafísicas do homem. Mas também manifesta aguda sensibilidade em face dos apelos do amor e da expectativa da morte. No soneto intitulado “Como o Velho Palhaço”, ele confessa certo desencanto e certa nostalgia diante da vida:

“Se pudesse chorar, eu choraria,
mas, mesmo me ferindo em dura clava,
tal um fantoche que a má sorte agrava,
finjo que sou feliz finjo euforia”.

Parece que o destino concedeu-lhe o raro privilégio de manter essa convivência harmoniosa entre o especialista em Direito Tributário e o poeta de qualidade que ele foi.

É chegada a vez de manifestar os meus agradecimentos ao ilustre amigo Professor Antônio Martins Filho, pelo seu empenho no sentido de trazer-me para esta Casa e de participar de sua convivência fraternal. Aos Senhores Acadêmicos que me distinguiram com o seu apreço e com a manifestação calorosa de sua solidariedade. Ao nobre poeta Artur Eduardo Benevides, que vem de proferir brilhante peça oratória sobre a natureza, o significado e a evolução da poesia através dos tempos. As belas palavras que ele me dedicou, unidas pelo seu talento e generosidade, estão repletas de compreensão e de simpatia pelas vacilações e perplexidades que permeiam minha obra poética, A sua destreza e argúcia mentais descobriram, em meus poemas, méritos e cintilações que me envaidecem. Os meus sinceros e comovidos agradecimentos às Senhoras e aos Senhores aqui presentes, pela gentileza e simpatia com que realçaram ainda mais o brilho desta noite.

Desejo, neste momento, reverenciar a memória de meus pais, Clicério Leite de Carvalho e Maria Helena de Carvalho, e de dois amigos diletos que já fizeram a viagem definitiva. Refiro-me ao professor e ficcionista Moreira Campos, mestre do conto, e ao médico e poeta Caetano Ximenes de Aragão, humanista que honrou as tradições de cultura do povo do Ceará.

Desejo, ainda, render homenagens à minha mulher, Doraci Figueiredo Cruz Carvalho, aos meus filhos e aos meus netos, com os quais tenho repartido os sucessos e insucessos, os encantos e desencantos da vida. Minha gratidão a todos eles, que me têm suportado com as poucas virtudes e os muitos defeitos que tenho.

Não ignoro, Senhores Acadêmicos, as desvantagens e os riscos a que estão sujeitos aqueles que fazem do exercício da literatura um trabalho solitário, e que desse modo não se beneficiam da troca de idéias nem do crivo salutar de uma crítica vigilante e competente que os oriente nos momentos de dúvida e de perplexidade. Tenho presente, na memória, advertência feita por Thomas Mann, citada por Ernesto Sábato no livro "O Escritor e seus Fantasmas", segundo a qual "o homem solitário é capaz de enunciar mais originalidades e mais besteiras que o homem social". Não faltarei com a verdade se vos disser que passei boa parte de minha vida tentando desenhar o molde do "homem social". Mas, por motivos que escapam ao meu entendimento, não obtive resultados satisfatórios.

Não estou certo de que poderei dar alguma contribuição de valia a esta Casa. Aqui chego imbuído de modestos propósitos e convencido, também, de que não me cabe acenar-vos com expectativas duvidosas. O futuro a Deus pertence, mas é tarefa do homem construir o presente para que, no dizer de Jorge Luís Borges, "A beleza esteja em toda parte. E talvez em cada momento de nossas vidas".

Muito obrigado.